

Texto original:

KABA, Mariame.; RITCHIE, Andrea J. We Want More Justice for Breonna Taylor than the System That Killed Her Can Deliver, *In*: KABA, Mariame. **We Do This 'Til We Free Us**. Chicago: Haymarket Books, 2021, p. 63-67.

Tradução autorizada por Mariame Kaba e Andrea J. Ritchie.

Traduzido por Amós Caldeira.

Data de publicação: 21 mar. 2023.

O sistema que matou Breonna Taylor e a justiça que queremos

Mariame Kaba e Andrea J. Ritchie

Os pedidos populares pela prisão dos policiais que mataram Breonna Taylor se intensificam diariamente – a família de Breonna, sua comunidade, celebridades, redes sociais, mulheres negras e aliados por todo Estados Unidos estão exigindo justiça igualitária por nossa irmã assassinada pela polícia. Muitos desses pedidos populares chamam atenção para a prisão dos policiais que mataram George Floyd e Rayshard Brooks, dias e semanas após suas mortes, comparado ao fato de que não ocorreu nenhuma prisão no caso de Breonna após mais de 100 dias de seu assassinato enquanto dormia na sua cama em sua casa. Um policial, Brett Hankinson, foi demitido; os outros dois continuam em licença remunerada. O FBI e um *special prosecutor*¹ de Kentucky estão

¹ Nota do tradutor (NT): O *special prosecutor* é um promotor de justiça independente do órgão que normalmente teria a competência para investigação criminal em um caso específico. O objetivo é evitar conflitos de interesse ou para lidar com casos que exijam determinadas áreas de especialidade.

investigando a morte de Breonna e se denúncias podem ser oferecidas contra os policiais.

Nós apoiamos completamente os pedidos por responsabilização pela morte de Breonna, bem como a busca de sua família e entes queridos por justiça. Quando agentes do Estado agem violentamente contra um indivíduo e, neste caso, tiram sua vida de forma cruel e negligente, não há dúvida de que respostas coletivas são absolutamente desejáveis e essenciais. Respostas coletivas podem incluir revoltas populares, pedidos para que os policiais envolvidos sejam exonerados e que não mais ocupem posições de poder, campanhas comunitárias para desfinanciar a polícia e pedidos de compensação, cura e reparação para pessoas lesadas ou famílias deixadas para trás. Pedidos populares pela instauração de ações penais e prisão são apenas uma de muitas respostas coletivas possíveis para resolver uma injustiça. É evidente que indivíduos, famílias e comunidades, inclusive de Breonna, têm direito de decidir sobre seus próprios caminhos por justiça – o que inclui a busca por justiça nos tribunais e pela punição criminal.

Como abolicionistas do complexo industrial-prisional, nós queremos muito mais do que o sistema que matou Breonna pode oferecer – porque o sistema que a matou não está configurado para fazer justiça por sua família e entes queridos. A experiência demonstra que policiais que causam danos raramente são presos pelos departamentos que os empregam e mais raro ainda são as ações penais que resultam em condenação.

Desde 2005, apenas 110 ações penais contra policiais que atiraram em pessoas foram instauradas, enquanto que, desde 2014, a polícia tem matado em média 1 mil pessoas por ano. Condenações ocorreram em menos de 42 casos, geralmente com acusações de menor potencial ofensivo. Mesmo quando condenados, as sentenças dos policiais – tais como a sentença de 2 anos de prisão contra Johannes Mesherle por matar Oscar Grant com um tiro à queima roupa na nuca enquanto este estava deitado no chão em um metrô, a sentença de 3 anos de prisão contra o ex-comandante da Polícia de Chicago, Jon Burge, que torturou

O sistema que matou Breonna Taylor e a justiça que queremos

mais de 100 homens e mulheres negros a fim de obter confissões, ou a sentença de 7 anos de prisão que Jason Van Dyke está cumprindo atualmente por assassinar Laquan McDonald – raramente trazem satisfação ou cura para as famílias e comunidades lesadas.

O número de ações penais instauradas contra policiais não tem crescido apesar das constantes revoltas populares e atenção dada à violência policial na última década – porque a lei ao fim e ao cabo os protege. Os policiais que mataram Breonna Taylor vão alegar legítima defesa por causa de uma pessoa confusa e dormiente defendendo sua casa e seu noivo contra o que ele razoavelmente acreditou ser tiros disparados em uma invasão domiciliar. E, mesmo se forem presos e levados a julgamento, como experiências passadas indicam, a lei mais uma vez os protegerá pela morte de mais uma pessoa negra. Enquanto isso, incontáveis mulheres negras e pessoas trans que agem em legítima defesa quando a polícia falha em protegê-las agonizam na prisão, negadas do direito de exercer a legítima defesa. Isso acontece porque nossos sistemas legais legitimam o uso de força letal por policiais que acreditam “razoavelmente” que suas vidas estão em perigo, não importa o quanto essa crença seja frágil ou fundada em narrativas profundamente interiorizadas que criminalizam a população negra.

Por que estamos sempre pedindo para a polícia parar de ser a polícia? No final das contas, os pedidos por respostas coletivas fundadas em prisões e ações penais provavelmente resultarão em becos sem saídas e decepções. Entretanto, mesmo que bem-sucedidas, a prisão e a condenação de policiais representam uma exceção à regra: a regra é a impunidade. Focar em prisões deixa todo o sistema intacto. Como diz o canto popular, “denuncie, condene, mande o policial assassino pra cana, *o sistema inteiro é culpado pra caramba*”. O motivo pelo qual pedidos populares por prisão e ação penal provavelmente não serão frutíferos, ou provocarão alguma mudança fundamental para evitar futuras mortes, está na segunda parte do canto – que destaca a falha fundamental na demanda refletida na primeira parte. Nós queremos direcionar nossas energias para estratégias coletivas que têm

mais chance de êxito para entregar cura e transformação e para prevenir futuros danos. As famílias e comunidades merecem mais do que sofrer repetidas decepções cada vez que o sistema se recusa a se responsabilizar.

Além das avaliações estratégicas das formas mais prováveis de se fazer justiça, no final das contas temos que apoiar respostas coletivas que se alinhem com nossos valores. Pedidos populares por prisões e ações penais contra policiais assassinos são inconsistentes com a campanha *#DefundPolice* [Desfinancie a Polícia], pois têm se provado fontes de violência, não segurança. Nós não podemos alegar que o sistema deve ser desmantelado porque é um perigo para vidas negras e, ao mesmo tempo, legitimá-lo recorrendo a ele por justiça. Como Angela Y. Davis aponta, “nós temos que ser consistentes” em nossa análise e não responder à violência de modo a reproduzi-la. Nós precisamos utilizar nossa imaginação radical para pensar novas estruturas de responsabilização para além do sistema que estamos trabalhando para desmantelar.

Essa não é uma posição popular ou fácil de se tomar. É muito, muito difícil. Pessoas que foram presas, julgadas, condenadas e mortas pela menor das infrações – ou nenhuma infração –, ou que viram seus entes queridos passando pelo mesmo, querem que o sistema seja justo e atue prendendo, julgando e condenando todos aqueles que nos machucam e nos matam. As pessoas que constantemente têm sua proteção legal negada querem desesperadamente que a lei cumpra suas promessas. Há formas de apoiar as famílias que pedem por prisão sem legitimar o sistema, o que pode incluir fornecer ajuda material e segurança para familiares e comunidades e trabalhar para desempoderar a polícia.

Não recorrer aos sistemas de policiamento e punição não significa abrir mão da responsabilização. Significa apenas que nós paramos de estabelecer o valor de uma vida por quanto tempo outra pessoa fica presa por tirá-la – especialmente quando o sistema de punição criminal

O sistema que matou Breonna Taylor e a justiça que queremos

tem constantemente deixado claro quais vidas valoriza e quais encarcera.

Nós queremos dar lugar a uma concepção de justiça mais ampla e profunda por Breonna Taylor e outros sobreviventes e familiares lesados pela violência policial – uma justiça fundada em reparação, baseada na recente luta vitoriosa de sobreviventes e familiares de pessoas torturadas pelo ex-comandante da polícia de Chicago, Jon Burge. A abordagem da reparação envolve cinco elementos – reparo, restauração, reconhecimento, interrupção e não-repetição.

Sob essa abordagem, não há dúvida de que a família de Breonna tem direito à responsabilização – incluindo a exoneração imediata dos policiais envolvidos em seu assassinato e o banimento de qualquer posição futura que os possibilite portar armas ou abusar do poder como eles fizeram no caso de Breonna. A família de Breonna também tem direito a um processo em que os policiais devem ouvir e ser responsabilizados pela dor, conhecer por inteiro o valor da vida que tiraram e fazer reparações que nos satisfaça coletivamente. A família de Breonna tem direito ao reparo – compensação por sua dor e sofrimento, sem a necessidade de ter que enfrentar um longo processo judicial em que a reputação, história, associações e caráter de seu ente querido será atacado, sem ter que olhar repetidamente para um relatório que indica que ninguém foi ferido enquanto sua filha e irmã sangrava em sua cama cravejada de balas e sem ter que pagar os altos custos do litígio e sofrer ainda mais no processo. A família também tem direito a serviços de restauração e cura.

Com uma abordagem de reparação, a família de Breonna – e todas nós – também tem direito a mais do que uma resposta individualizada para um problema sistêmico. Nós temos direito à imediata interrupção das ações que causaram a morte de Breonna – *no-knock warrants*², para

² NT: Em tradução livre, mandados sem aviso. É um tipo de mandado judicial em que, para sua execução, não há necessidade de avisar os residentes da entrada na propriedade.

se ter certeza, mas também *short-knock warrants*³ e as perigosas batidas policiais para apreensão de drogas em todas as suas formas. E todas nós temos direito à não-repetição, um fim às condições que produziram a morte de Breonna, incluindo um fim à guerra às drogas que a matou e às forças da gentrificação que levaram a polícia ao seu bairro. Já passou da hora de uma abordagem sobre uso de drogas que salve vidas em vez de tirá-las – seja em uma batida policial ou em uma cela – e um acerto de contas com os modos com que políticas econômicas estão produzindo práticas de policiamento mortais.

O [*Movement for Black Lives*](#)⁴ apresentou recentemente o [*BREATHE Act*](#)⁵, que consagra as demandas da plataforma [*Vision for Black Lives 2020*](#)⁶ e exige reparação para os sobreviventes de violência policial – e para as famílias daqueles que não sobreviveram e para pessoas afetadas pela guerra às drogas –, ambos oferecem muito mais do que a instauração de ações penais no caso de Breonna. O [*M4BL Reparations Now toolkit*](#)⁷ oferece um entendimento de como essas demandas foram

³ NT: Em tradução livre, mandados com pouco aviso. São mandados judiciais executados com apenas um leve aviso prévio, seja uma rápida batida na porta ou um leve toque a campainha.

⁴ NT: Em tradução livre, Movimento pelas Vidas Negras. É uma coalizão abolicionista formada em 2014 que reúne diversas organizações negras a fim de criar um espaço para debate e ação a nível nacional.

⁵ NT: Em tradução livre, projeto de lei RESPIRE. É um projeto de lei proposto pelo *Movement for Black Lives* que busca:

- 1) Redirecionar recursos federais do policiamento e do encarceramento e por fim aos danos provocados pelo sistema criminal-legal federal, incluindo a Lei de Combate ao Crime de 1994 e reparações pela Guerra às Drogas;
- 2) Investir em novas abordagens para segurança comunitária utilizando incentivos financeiros;
- 3) Alocar novos fundos para construção de comunidades saudáveis, sustentáveis e justas para todas as pessoas;
- 4) Responsabilizar funcionários do Estado e reforçar a autodeterminação das comunidades negras.

⁶ NT: Em tradução livre, Perspectiva para Vidas Negras 2020. É um conjunto de propostas de políticas públicas do *Movement for Black Lives* para combater o problema da violência contra comunidades negras.

⁷ NT: Em tradução livre, Reparções Agora. É um livreto organizado pelo *Movement for Black Lives* que trabalha a questão da luta da população negra por reparação. O

O sistema que matou Breonna Taylor e a justiça que queremos

concretizadas em Chicago e como elas se encaixam em demandas mais amplas por reparação pelo longo legado e impacto contínuo da escravidão que produziu não apenas a morte de Breonna, mas também de George Floyd, Tony McDade, Remmie Fells, Breonna Hill, Rayshard Brooks, Elijah McClain, Brayla Stone e tantos outros.

A Câmara Municipal de Louisville anunciou recentemente uma resolução que solicita uma investigação da prefeitura e dos eventos que levaram ao assassinato de Breonna, bem como das ações policiais com relação aos protestos por justiça por Breonna. Esse processo pode servir como um primeiro passo para uma abordagem de justiça mais ampla e com foco na reparação para o caso de Breonna.

Breonna, e todas nós, merecemos muito mais do que prisões e ações penais contra indivíduos policiais podem oferecer. Em seu nome, estamos exigindo uma versão de justiça mais audaciosa e expansiva.

livreto busca fornecer ferramentas teóricas para pensar a definição de reparação, sua importância política, como as lutas por reparação se desenvolveram pelo mundo e como comunidades negras nos Estados Unidos podem se organizar nessa luta.